

Tendências de mudança na indústria da construção

Nilton Vargas

RESUMEN

El autor describe la forma como se estructura la industria de la construcción civil en Brasil adaptándose, en cada momento, al contexto político y socio-económico. Se destacan en este análisis dos factores: la intervención del Estado y las formas de reproducción de la fuerza de trabajo. La inserción de Brasil en el mercado internacional, los cambios del papel del Estado y el nuevo perfil de la mano de obra de este sector que vienen provocando una desestabilización en el modelo tradicional empresarial y económico de la industria de la construcción civil. De cara a este nuevo contexto se observa que para garantizar la sobrevivencia de las empresas, es necesario el aumento de la productividad y de la calidad, especificando el significado de estos cambios.

ABSTRACT

New trends and changes in the building industry

The author describes the form in which the building industry was structured in Brazil, conforming itself to different political and socio-economic contexts. Two factors are dealt with in his analysis: State intervention and forms of reproduction of the labour force. Brazilian insertion in the international construction market, changes in the role of State and a new profile of the labour force in this sector, is leading to a rupture in the traditional entrepreneurial and economic models of the building industry. Within this new context Vargas argues that to guarantee the survival of building enterprises there is the need to rise productivity and quality standards, specifying the meaning of these changes.

DESCRIPTORES

Industria de la Construcción
Fuerza de Trabajo
Intervención del Estado
Empresas Constructoras
Productividad
Calidad
Brasil

O CONTEXTO

A indústria da construção, principalmente no segmento de edificações -que representa cerca de 50% do total- sempre foi considerada como um setor atrasado, com significativo desperdício de recursos materiais e humanos.

No entanto, um exame mais acurado do ponto de vista das estratégias de obtenção dos lucros nos indica que o setor vem se desenvolvendo e crescendo nos últimos 50 anos.

Isto porque as empresas se adaptam ao contexto sócio-econômico para obter seus objetivos e resultados. A forma de uma empresa se estruturar para conseguir seus lucros depende de cada segmento em particular. Não existe uma só racionalidade para todos os setores da economia.

Assim, se examinarmos o contexto da indústria da construção podemos identificar o seu modo de adaptação, apesar desta relação não ter um só sentido - isto é, o setor não se comporta passivamente, ele mesmo exerce uma atuação neste contexto. No entanto, para os objetivos de nossa exposição, privilegiaremos o primeiro sentido.

Podemos destacar, dentre inúmeros fatores a interferência do Estado na sociedade brasileira e a reprodução da força de trabalho para o setor.

O Estado, para o setor, principalmente após 1964 com a instalação do regime militar, teve um papel preponderante na demanda e oferta de obras. De fato, ora aparecia como contratante direto de suas autarquias ou empresas estatais, ou indiretamente regulava o financiamento para habitações ou para a construção de plantas industriais.

Além disso, promovia a reserva de mercado de obras públicas e, durante os vinte e um anos de autoritarismo, cerceou a cidadania, controlou a ação sindical e estabele-

leceu regras no relacionamento capital/trabalho.

A força de trabalho, preponderantemente de origem rural, que se dirigia para o setor, motivada pela fuga das péssimas condições de trabalho no campo, encontra na construção condições de se alojar nos canteiros e assim alimentar o processo de urbanização. Em alguns casos, mantinha sua família na produção agrícola de origem (normalmente como meeiros) e complementava a economia familiar com os salários do trabalho na construção.

Essas características criaram no setor uma visão de que o "peão" não tinha nenhuma preocupação em se fixar, seja na empresa, seja na cidade onde trabalhava, pois ainda estava vinculado à terra natal. A palavra "peão" atendia, assim, a um duplo sentido: aquele que gira e a origem rural.

Este aspecto era induzido pelas próprias características do setor: movimentação dos canteiros, a grande especialização do trabalhador que permanece um curto espaço de tempo do prazo total da obra para cumprir sua função e a flutuação da oferta de obras.

Deste modo, até a década de setenta, garantiu uma mão-de-obra abundante, pouco acostumada à disciplina industrial e com pouca formação escolar. O setor, para ela, era uma sobrevivência.

Tais características, aliadas ao controle militar da ação sindical, reforçavam a figura do "peão", indisciplinado para o trabalho, mas "dócil" em suas reivindicações coletivas.

A RACIONALIDADE ECONÔMICA DO SETOR

Esses dois fatores, o papel do Estado e a reprodução da força de trabalho do setor, criaram uma cultura produtiva disseminada entre as empresas de construção.

Em relação às obras públicas, o mercado se estruturou de duas formas. Primeiro, devido à forte presença do Estado na economia, as construtoras encontraram na relação clientelista com o Estado uma maneira de se expandir e aumentar sua lucratividade. Segundo, houve a formação de cartéis, beneficiando-se do sistema cartorial de exigência de atestados técnicos de obras executadas.

O segmento imobiliário, por sua vez, concentrou seus lucros muito mais no equacionamento da boa localização do empreendimento e nas características estéticas do edifício. O segmento de obras industriais e comerciais privadas, que poderia ter uma lógica diferenciada, tem realizado muitas obras por administração, ganhando, portanto, uma taxa sobre os custos. Devido a esses fatores, a questão do aumento da produtividade do trabalho permaneceu em segundo plano, sem aqueles ganhos obtidos pela introdução de inovações tecnológicas por meio de novos equipamentos e materiais.

Quanto à qualidade, o esforço foi centrado no dimensionamento estrutural e acabamento superficial da obra. As empresas que fugiram dessa lógica tiveram grandes dificuldades para se desenvolverem, pois a cultura produtiva implantada e a conseqüente formação dos técnicos, administradores e trabalhadores sempre procuraram reproduzir o modelo vigente.

Por último, para consolidar esta lógica econômica, o processo inflacionário da última década orientou a empresa para o gerenciamento financeiro, pois nessa atividade se obtinha margem de lucro muito superior à obtida com um esforço no aumento da produtividade.

TENDÊNCIAS DE MUDANÇA

Se é verdade que as empresas se adaptam ao contexto político e sócio-econômico para definir suas estratégias de negócio e por conseguinte estruturar-se, as mudanças ora em curso no ambiente estão provocando uma desestabilização na tradição do modelo empresarial e econômico do setor. Vejamos alguns sinais dessa mudança.

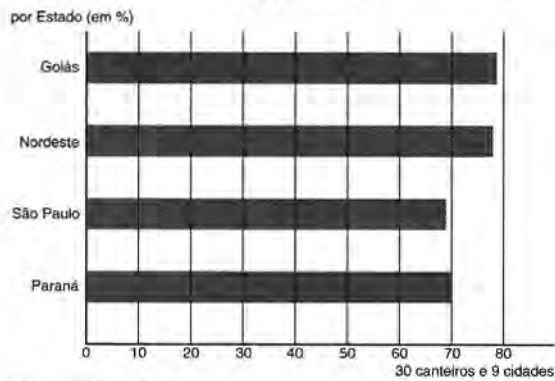
A inserção de nosso país no mercado internacional

A nova política governamental aliada aos interesses dos capitais internacionais sobre a dívida externa, ou a possibilidade de captar recursos e tecnologia estrangeiros para atuar na concessão de serviços públicos, vão intensificar a integração de nosso país a nível internacional. Neste, a nova ordem econômica mundial, conjugada com uma forte pressão social por um estilo mais democrático de gestão e melhores condições de trabalho, têm induzido as empresas líderes desses países a introduzir um grau de inovações tecnológicas e gerenciais sem precedentes. Como decorrência direta, os altos patamares de produtividade e qualidade conquistados permitiram criar novos mercados ou desestabilizar os existentes. Esta tendência de integração conduzirá nossas empresas à competição num mercado cada vez mais internacionalizado, o que pode significar competir com empresas que dispõem de um arsenal tecnológico e gerencial de várias gerações.

Mudanças do papel do Estado no Brasil

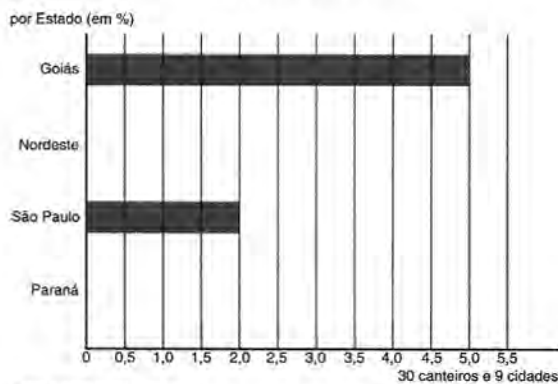
A falência do Estado e a eliminação de seu histórico intervencionismo têm impactado fortemente a tradicional fonte de oferta de obras, seja como demandante direto, seja como condutor do financiamento de habitações e de obras industriais. A recente política industrial, privilegiando o aumento da competitividade das empresas, a abertura de nosso mercado e a integração econômica latino-americana -Mercosul- consolidam a nova pos-

GRÁFICO 1
PERFIL DA MÃO-DE-OBRA NA CONSTRUÇÃO CIVIL
Migração/atração



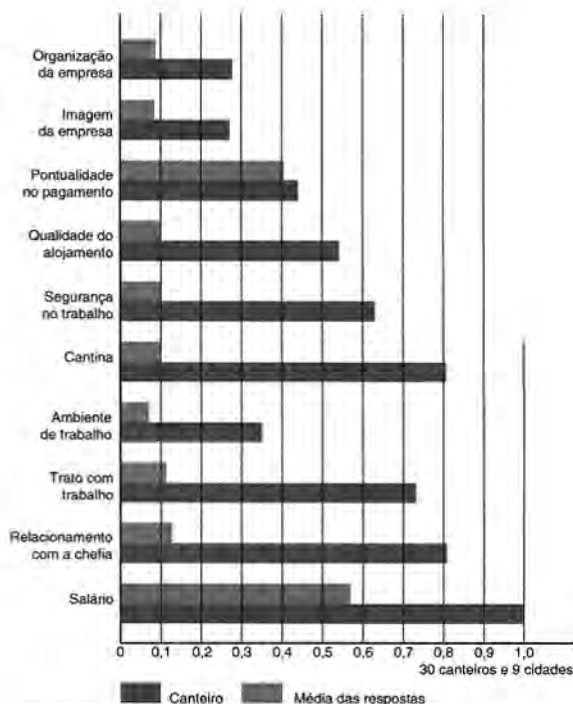
Fonte: Neolabor (1990-1991)

GRÁFICO 2
PERFIL DA MÃO-DE-OBRA NA CONSTRUÇÃO CIVIL
Proprietários rurais



Fonte: Neolabor (1990-1991)

GRÁFICO 3
PESQUISA ABERTA SOBRE MOTIVAÇÃO DA MÃO-DE-OBRA
DIRECTA DA CONSTRUÇÃO CIVIL 90/91
Motivação para o trabalho



Fonte: Neolabor (1990-1991)

tura liberalizante e induzem ao desmantelamento de monopólios, cartéis e protecionismo às empresas nacionais.

O processo de democratização do país abre um espaço crescente ao combate das relações clientelistas das empresas com órgãos governamentais e políticos, como tem sido demonstrado pela imprensa. O novo código do consumidor coloca em questão o baixo nível de qualidade das obras habitacionais. E a queda da renda do mercado consumidor exige um barateamento da construção e redução das margens de lucro do empreendimento. E, por último, a tendência de privatização da concessão de serviços públicos abre uma perspectiva de surgir um novo mercado para as empresas do setor, seja como construtoras, seja como empreendedoras da concessão.

Este mercado, no entanto, possuirá características diferentes da atual relação com o Estado, pois a qualidade da construção e do projeto passam a influenciar diretamente o custo de operação do empreendimento.

O novo perfil da mão-de-obra e seu ativo papel na transformação do setor

A população brasileira no último decênio vem passando por algumas transformações. O fluxo migratório campo/cidade vem perdendo sua intensidade e a taxa de natalidade vem sofrendo declínios constantes. Para o setor significa uma diminuição do contingente que tradicionalmente procura os canteiros de obra.

Além dessa transformação quantitativa uma outra de ordem qualitativa vem tendo um forte impacto sobre o setor. Até a década de setenta era normal encontrar imigrantes expulsos do meio rural que procuravam o setor como forma de sobrevivência às péssimas condições de trabalho no campo. No entanto, hoje o quadro é bem distinto. Algumas pesquisas que realizamos durante os anos de 1990 e 1991 em trinta canteiros de nove cidades (Foz do Iguaçu, Cascavel, São Paulo, Taubaté, Goiânia, Brasília, Salvador, Sergipe, Maceió) demonstram uma realidade diferente.

O trabalhador tem atualmente procurado o setor como um atrativo para o seu desenvolvimento profissional (gráfico 1) e não mais como sobrevivência, embora as empresas ainda o tratem como tal.

Ao verificar quantos desses trabalhadores ainda mantém vínculo com a propriedade rural ou trabalho sob a forma de "meia" constatamos um percentual insignificante (gráfico 2).

Essa mudança de perfil é muito bem caracterizada quando indagamos, em questionário aberto (não induzido), quais os fatores que os motivam ou os tornam insatisfeitos no seu trabalho ou na relação com a empresa. A tabulação das primeiras respostas (apresentamos no gráfico 3 dois percentuais: o fator de motivação e o

relativo ao número de canteiros em que apareceu o respectivo fator) mostra que o salário é o principal fator de motivação (57% de respostas em 100% dos canteiros) mas há trabalhadores que destacam outros fatores como principais: as relações de trabalho (relacionamento com a chefia, ambiente de trabalho e tratamento recebido); as condições de trabalho (qualidade do alojamento, segurança no trabalho e cantina); e aqueles que refletem a estrutura da empresa (organização da empresa, imagem da empresa e pontualidade no pagamento). Isto é, aqueles que permanecem no setor querem uma outra relação de trabalho e já não aceitam ser tratados como "peões".

Este contraste entre a visão das empresas sobre o trabalhador e o seu novo perfil, aliado aos baixos salários praticados e as crises vivenciadas pelo setor a partir de 1981, fizeram com que a maior parte dos trabalhadores que procuraram o setor nesta última década abandonassem o trabalho na construção a procura de melhores empregos em outros setores: serviços, mercado informal, indústria ou mesmo agricultura.

Tal característica pode ser observada no grande percentual de trabalhadores com mais de dez anos de experiência na construção (gráfico 4) ou pela idade (gráfico 5). Assim, restam para o setor os indivíduos que possuem baixo grau de alfabetização (gráfico 6).

Outro dado que corrobora a mudança do perfil do trabalhador é observado na ação sindical cada vez mais crescente e combativa, como pode ser verificada na tabela 1 onde são mostradas as greves tabuladas pelo DIEESE no ano de 1991, quando o setor passava por uma retração na execução de obras e, conseqüentemente, menor era o poder de barganha dos trabalhadores.

Se não bastassem essas mudanças na força de trabalho, a legislação trabalhista penaliza as estratégias utilizadas largamente pelo setor como a rotatividade (multa de 40% sobre o FGTS) e hora-extra (acréscimos de 30% a 100%).

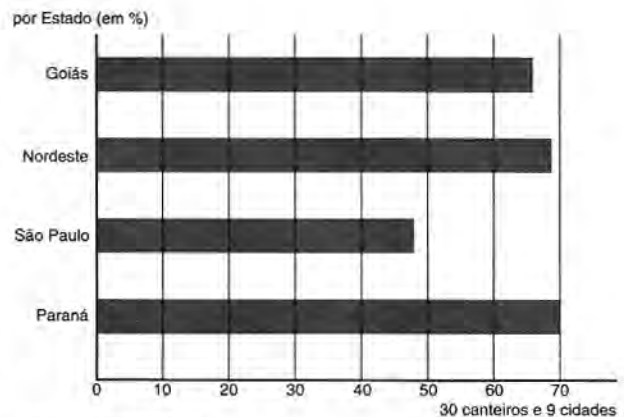
A conjugação desses fatores pressiona as empresas, de um lado, a modernizar as suas arcaicas relações de trabalho baseadas no estereótipo "patrão/peão" e, de outro, a aumentar a produtividade para enfrentar as demandas por maiores gastos com seus trabalhadores, devido à pressão por maiores salários e melhores condições de trabalho. Esse quadro pode ser ainda mais agravado no caso da retomada do crescimento econômico.

A PRESSÃO POR MAIOR QUALIDADE E PRODUTIVIDADE

A única saída para esse impasse que se avizinha e a condição para que as empresas garantam sua sobrevivência ou tenham uma atitude preventiva nesse novo contexto é aumentar a produtividade e a qualidade.

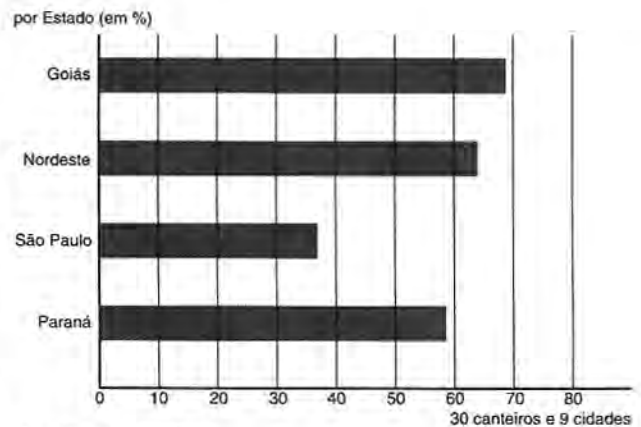
Entretanto, aumentar a produtividade, hoje, signifi-

GRAFICO 4
PERFIL DA MÃO-DE-OBRA NA CONSTRUÇÃO CIVIL
Experiência acima de 10 anos no ramo



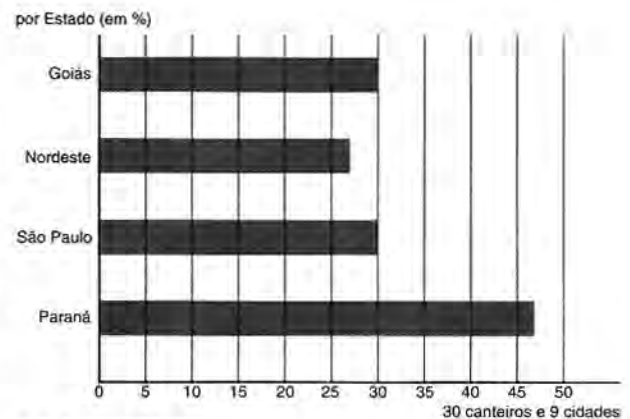
Fonte: Neolabor (1990-1991)

GRAFICO 5
PERFIL DA MÃO-DE-OBRA NA CONSTRUÇÃO CIVIL
Idade acima de 35 anos



Fonte: Neolabor (1990-1991)

GRAFICO 6
PERFIL DA MÃO-DE-OBRA NA CONSTRUÇÃO CIVIL
Alfabetização



Fonte: Neolabor (1990-1991)

TABELA 1
GREVES DOS TRABALHADORES DA CONSTRUÇÃO CIVIL
1991

Estado (cidade)	Empresa/ categoria	Mês	Duração	Estado (cidade)	Empresa/ categoria	Mês	Duração
BA (Mucuri)	Empresa	Janeiro	10 dias	RN (Mossoró)	Categoria	Abril	2 dias
BA (Salvador)	Categoria	Janeiro	11 dias	MG (Betim)	Empresa	Maio	3 dias
MG (Belo Horizonte)	Empresa	Janeiro	2 dias	SP (São Paulo)	Categoria	Maio	15 dias
PR (Foz do Iguaçu)	Empresa	Janeiro	2 dias	SP (São Paulo)	Categoria	Maio	20 dias
RJ (Duque de Caxias)	Empresa	Janeiro	1 dia	BA (Camaçari)	Categoria	Junho	9 dias
PR (Foz do Iguaçu)	Empresa	Fevereiro	1 dia	ES (Espírito Santo)	Categoria	Junho	8 dias
RJ (Duque de caxias)	Empresa	Fevereiro	25 dias	MS (Dourados)	Categoria	Junho	3 dias
BA (Salvador)	Empresa	Março	1 dia	PE (Jab./Guararapes)	Categoria	Junho	3 dias
MG (Belo Horizonte)	Empresa	Março	4 dias	PR (Paraná)	Categoria	Junho	2 dias
MG (Uberlândia)	Empresa	Março	1 dia	SP (São Bernardo/Diadema)	Categoria	Junho	1 dia
SP (São Bernardo Campo)	Categoria	Março	13 dias	SC (Florianópolis)	Empresa	Agosto	1 dia
SP (São Paulo)	Empresa	Março	1 dia	BA (Salvador)	Categoria	Setembro	1 dia
BA (Capanema)	Empresa	Abril	30 dias	MG (Belo Horizonte)	Empresa	Setembro	2 dias
PA (Belém)	Categoria	Abril	3 dias	SP (Itaipu)	Empresa	Setembro	3 horas

Fonte: Dieese.

ca mais que introduzir novos equipamentos e sistemas, ou racionalizar métodos de trabalho. E aumentar a qualidade não significa simplesmente obter produtos mais perfeitos, exige, isto sim, a eliminação de desperdícios em geral, seja por falta de um adequado relacionamento das várias áreas da empresa, seja pela falta de motivação ou treinamento, seja pela pouca especificação ou apli-

cação dos conhecimentos técnicos e tecnológicos. Em outros termos significa implementar a produtividade e qualidade globais, isto é, criar uma sistemática capaz de dar conta da complexa teia de relacionamento técnico-humano que envolve uma empresa, de modo a otimizar o todo e não apenas partes dele.